

Excursão na Teologia Natural (Parte 32): O Problema do Mal e do Sofrimento 3/4

Seção 04 / Aula 32

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 23/03/2025, 10:00:22 (horário de São Paulo)

Aula original: 2016-06-29

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

Da versão lógica à versão evidencial

Temos falado sobre a versão lógica do problema do mal. Expliquei da última vez que o ônus da prova que isso impõe sobre os ombros do ateu é simplesmente pesado demais para ser sustentado, e que esse fato agora é amplamente reconhecido tanto por filósofos ateus quanto por filósofos teístas. Portanto, isso não é realmente um tema de debate acalorado atualmente. Aqueles que dizem que a filosofia nunca faz progresso podem ser refutados simplesmente apontando para esse problema. Por centenas de anos – desde a época de Epicuro, centenas de anos antes de Cristo, até a década de 1970 – a versão lógica do problema do mal foi a formulação padrão desse problema e objeção. Agora, tem sido amplamente reconhecido que esse problema, na verdade, está falido. Ele foi resolvido e, de fato, ninguém é capaz de demonstrar que a coexistência de Deus e do sofrimento e mal no mundo sejam logicamente incompatíveis entre si.

Mas isso então nos leva ao problema probabilístico, ou evidencial, do mal que ainda permanece um tema de grande debate entre filósofos atualmente. Essa é uma versão muito mais forte do problema. Já que sua conclusão é mais modesta – ou seja, é improvável que Deus exista – o ônus da prova que ele impõe ao ateu é muito mais leve e, portanto, pode-se dizer que é um argumento mais fácil de sustentar. Como poderíamos responder à alegação do ateu de que o mal e o sofrimento no mundo tornam improvável a existência de Deus? Quero apresentar três pontos em resposta a esse argumento.

Limitações humanas e aparência de sofrimento sem propósito

1. Não estamos em uma boa posição para afirmar que é improvável que Deus tenha boas razões para permitir o sofrimento no mundo. Não estamos em uma boa posição para poder dizer que é improvável que Deus tenha boas razões para permitir o sofrimento no mundo. A chave do problema evidencial é a alegação do ateu de que Deus provavelmente não tem boas razões para permitir o mal e o sofrimento no mundo. Todos nós reconhecemos que grande parte do sofrimento no mundo parece injustificado. Não vemos nem seu propósito nem sua necessidade. Portanto, o sucesso do argumento do ateu vai depender de se temos ou não justificativa para inferir que porque o sofrimento parece injustificado, ele realmente é injustificado. O argumento do ateu depende dessa inferência crítica da aparência para a realidade. Porque o sofrimento parece ser injustificado ou sem propósito, ele realmente é.

E o primeiro ponto que quero destacar em resposta é que simplesmente não estamos em uma boa posição para fazer esse tipo de julgamento com qualquer grau de confiança. Como pessoas finitas, somos limitados no tempo e no espaço, assim como em inteligência e percepção. Mas o Deus soberano vê o fim da história desde o seu começo e ordena providencialmente a história de modo que seus propósitos sejam alcançados através das decisões e ações livres das pessoas. E para alcançar seus propósitos finais, Deus pode muito bem ter que permitir uma grande quantidade de sofrimento ao longo do caminho. O sofrimento que nos parece sem propósito dentro da nossa estrutura limitada de referência pode ser visto como justamente permitido dentro da estrutura mais ampla de referência de Deus. Deixe-me dar duas ilustrações desse ponto. Uma da ciência contemporânea e outra da cultura popular.

A primeira ilustração – na chamada teoria do caos (um campo da ciência moderna), foi demonstrado que certos sistemas de grande escala, como o clima ou populações de insetos, são extraordinariamente sensíveis às menores perturbações. Uma borboleta batendo suas asas em um galho nas selvas da África Ocidental pode desencadear forças que acabarão causando um furacão sobre o Oceano Atlântico. E, no entanto, ninguém observando essa pequena borboleta batendo as asas naquele galho poderia – mesmo em princípio – prever tal resultado. Não temos como saber como alterações aparentemente insignificantes e triviais podem afetar radicalmente o curso da história mundial. A segunda ilustração da cultura popular – no filme *Sliding Doors* (estrelado por Gwyneth Paltrow), o filme conta a história de uma jovem que está descendo correndo as escadas de uma estação de trem para pegar o metrô.

E à medida que ela se aproxima do trem, o filme se divide em dois caminhos que sua vida poderia seguir. Em uma vida, as portas do trem se fecham bem antes que ela possa embarcar. Assim, ela é impedida de pegar o trem. No outro caminho, ela consegue passar pelas portas deslizantes momentos antes de fecharem. Com base nesse evento aparentemente trivial, os dois caminhos da sua vida se tornam cada vez mais divergentes com o passar do tempo. Em um dos caminhos, ela é extremamente bem-sucedida, próspera e feliz. No outro, ela enfrenta fracasso, miséria e infelicidade. Tudo por causa daquela diferença de fração de segundo ao passar pelas portas deslizantes do metrô. Além disso, essa diferença se deve ao fato de uma garotinha brincando com sua boneca no corrimão da escada ser retirada rapidamente por seu pai ou momentaneamente bloquear o caminho da jovem mulher enquanto ela desce correndo as escadas para pegar o trem.

E ao ver isso, você simplesmente não pode deixar de se perguntar sobre quais outras inúmeras trivialidades aparentemente insignificantes levaram a esse evento. Por exemplo, se o pai e a filha se atrasaram para sair de casa naquela manhã porque a garotinha não gostou do cereal que sua mãe lhe deu no café da manhã. Ou se o pai estava desatento à sua filha por causa de algo que ele leu no jornal daquele dia que o perturbou, e por isso seus pensamentos não estavam voltados para sua filha. E assim por diante. A parte mais interessante desse filme, no entanto, é o final. Na vida feliz e bem-sucedida, a jovem mulher é subitamente morta em um acidente, enquanto na outra vida miserável, sua vida dá uma reviravolta e a vida de dificuldades e sofrimento acaba se tornando, no final, a verdadeira boa vida. Agora, meu ponto obviamente não é que tudo acabará bem nesta vida! Não, estou fazendo um ponto muito mais modesto.

Simplesmente que, dada a vertiginosa complexidade da vida, simplesmente não estamos em posição de julgar com qualquer grau de confiança que Deus não tem uma boa razão para

permitir que alguma instância de sofrimento afete nossas vidas. Cada evento que ocorre envia um efeito em cascata através da história, de modo que a razão de Deus para permitir isso talvez não se torne evidente até séculos mais tarde, talvez em outro país. Somente um Deus onisciente poderia compreender as complexidades de direcionar um mundo de pessoas livres em direção aos seus propósitos preestabelecidos. Basta pensar nos inúmeros e incalculáveis eventos que estariam envolvidos para chegar a um único evento histórico. Por exemplo, a vitória dos Aliados no Dia D. Pense na complexidade infinita que estaria por trás da realização desse único evento.

Não temos ideia de qual sofrimento pode estar envolvido para que Deus alcance algum propósito pretendido através das ações livremente escolhidas dos seres humanos, nem deveríamos esperar discernir as razões de Deus para permitir o sofrimento. Não é nada surpreendente que grande parte do sofrimento e do mal no mundo pareça sem propósito e desnecessário para nós, porque simplesmente somos sobrecarregados por esse tipo de complexidade. Agora, quero enfatizar que isso não é um apelo ao mistério ou à psicologia divina, mas sim para apontar nossas limitações inerentes que tornam impossível para nós dizer, quando confrontados com um exemplo de sofrimento, que Deus provavelmente não tem uma boa razão para permitir que esse evento ocorra. Os descrentes, eles próprios, reconhecem esse tipo de limitação em outros contextos.

Por exemplo, uma das objeções decisivas ao utilitarismo (que é a teoria ética que diz que devemos realizar aquela ação que provavelmente trará o maior bem para o maior número de pessoas) é que não temos ideia do resultado final de nossas ações. Algum bem de curto prazo pode levar, a longo prazo, a uma miséria incalculável, enquanto uma ação que parece desastrosa a curto prazo pode acabar trazendo o maior bem para a humanidade. Não temos a menor ideia, dadas nossas limitações cognitivas. Esse defeito do utilitarismo, como você pode ver, não tem absolutamente nada a ver com mistério divino ou psicologia divina ou algo do tipo. Tem a ver com as limitações cognitivas inerentes que nós, como observadores finitos, enfrentamos.

Uma vez que contemplamos a providência de Deus sobre toda a história humana, espero que você possa ver o quão inútil é para observadores finitos e limitados especular sobre a probabilidade de que Deus tenha uma boa razão para o sofrimento que observamos. Simplesmente não estamos em posição de avaliar esse tipo de probabilidade com qualquer grau de confiança. Essa é a primeira resposta à versão probabilística do problema do mal. Alguma discussão ou perguntas sobre isso? Sim, Eric.

Discussão: males naturais, escolhas e sofrimento animal

Aluno: O que você diria ao argumento que Hugh Ross apresenta de que grande parte do que é visto como mal natural no mundo é o resultado de processos físicos necessários para sustentar a vida, como terremotos causados por placas tectônicas, que são essenciais para a vida? Muitas vezes são nossas próprias escolhas humanas, como a decisão de construir uma casa sobre uma falha geológica, que nos colocam em risco, e não algum problema inevitável de um decreto vindo do alto.

Dr. Craig: Acho que essas são explicações úteis. É muito verdadeiro que o grau em que as escolhas morais humanas estão entrelaçadas com o mal natural e o sofrimento é simplesmente

inextricável. Eles estão profundamente interligados. Como você disse, muitas vezes a razão pela qual as pessoas sofrem com desastres naturais é por causa das escolhas livres que fazem. O que quero dizer, no entanto, é que esses desastres naturais que resultam de coisas como um universo operando de acordo com leis naturais, o que torna a tomada de decisões racionais possível, formam a arena ou o contexto no qual o drama do plano de salvação de Deus está sendo desenvolvido. Os propósitos finais de Deus para os seres humanos serão alcançados colocando-os em uma arena como essa. E, portanto, esses males naturais que ocorrem acabam servindo como o contexto no qual essas escolhas morais livres são feitas.

Portanto, não se pode dizer que eles são irrelevantes para as escolhas livres ou que poderiam simplesmente ser removidos, pois não estamos em posição de saber o que aconteceria, por exemplo, se um tsunami não tivesse ocorrido ou se um terremoto não tivesse acontecido. Portanto, meu ponto é um ponto mais geral que acredito englobar o insight que você mencionou.

Aluno: Uma das maneiras que me ajudou a pensar sobre a questão da probabilidade e da quantidade de mal e sofrimento no mundo é quase usar uma ideia popular como Sliding Doors. Mas, em muitas histórias populares e na ética, você tem o personagem do sábio ancião que está ensinando um mentorado. E o que acontece frequentemente é que ele faz algo que a pessoa que está sendo treinada pensa: “O que essa pessoa está fazendo?” E parece sem propósito. Claro, um exemplo meio clichê é Karatê Kid, onde ele manda o aluno encerrar o carro com movimentos circulares. Ele diz: “Eu quero que você me ensine karatê, mas você está me ensinando a encerrar seu carro.” Mas, secretamente, ele estava ensinando (karatê) Mesmo que parecesse sem propósito, no final revelou-se algo que ele não percebia estar acontecendo. É assim que eu vejo isso.

Dr. Craig: Isso é útil. Essa é outra boa ilustração popular. Acho que você encontrará muitas dessas na literatura ou em filmes, se começar a procurá-las. Novamente, tudo isso questiona essa inferência da aparência para a realidade. Essa é uma inferência-chave na versão evidencial do problema do mal. Porque parece sem propósito, então é sem propósito. E isso é algo que, eu acredito, simplesmente não estamos em posição de afirmar.

Aluno: Você abordou uma situação onde o acaso aconteceu e causou certos males. Você deu o exemplo das portas deslizantes. Mas parece haver áreas onde o mal é quase por design. Um exemplo seria uma vespa depositando um ovo dentro de uma aranha. Isso não é por acaso. Parece haver um design por trás do mal. Qual é a sua opinião sobre Satanás influenciando...?

Dr. Craig: Ah, meu Deus! Há muito mais que poderia ser dito em termos de influência satânica ou demoníaca, ou isso também entra na teoria da evolução. Um biólogo evolucionista como Francisco Ayala apela para esses tipos de designs horríveis na natureza para defender a evolução. Ele diz que a evolução é a melhor explicação. Esses não foram projetados. Eles evoluíram por acaso entre esses insetos. Portanto, Deus não pode ser culpado. Deus teve razões para estabelecer esse tipo de processo evolutivo, mas ele discorda dos criacionistas que dizem que cada um desses casos foi especificamente projetado. Outra questão que poderia ser levantada é até que ponto os animais sofrem. Acredito que as evidências mostram que insetos e essas formas de vida inferiores, onde a maioria dessas atrocidades ocorre, são como pequenas máquinas. Eles nem sequer são sencientes.

Quando chegamos ao nível de mamíferos, como gatos e cachorros, eles são claramente seres sencientes que experimentam dor e outras sensações. Mas quando falamos de aranhas, formigas e vespas, não há qualquer evidência de que eles sejam seres sencientes que possuem consciência da dor. O que eles possuem são sistemas nervosos suficientemente complexos para reagir a estímulos nocivos. Por exemplo, se você espetar uma ameiba com uma agulha, ela se retrairá como se estivesse sentindo dor, mas na realidade ela não é um ser senciente. Isso reduziria significativamente, acredito eu, essas dificuldades, pois na verdade não há sofrimento com relação a essas criaturas.

Mesmo quando chegamos aos animais sencientes, como Michael Murray enfatizou em seu livro **Nature Red in Tooth and Claw** (um excelente livro para quem se preocupa com o sofrimento animal), embora muitos animais sejam sencientes e possuam consciência da dor, eles não têm um nível superior de consciência de uma perspectiva em primeira pessoa sobre sua consciência da dor para dizer “eu estou com dor”. Como os animais não são pessoas, eles podem sentir dor sem estar conscientes de que estão sentindo dor. Eles seriam como um fenômeno estranho observado em seres humanos chamado “visão cega”, onde as pessoas são, para todos os efeitos, cegas – elas não têm experiência visual, não conseguem ver nada. Mas, na realidade, elas realmente conseguem ver. Se você jogar uma bola para uma dessas pessoas, ela pegará a bola. Se você disser: “Venha aqui”, ela não esbarrará na mesa; ela passará ao redor dela. Elas realmente conseguem enxergar.

Mas não estão cientes de que conseguem enxergar. Eles não possuem essa consciência de terceiro nível sobre sua habilidade de segundo nível. Animais que não possuem essa consciência de terceiro nível seriam assim. Eles podem sentir dor, mas não têm consciência de que estão sentindo dor. Isso é um grande conforto, eu acho, para donos de animais de estimação e amantes de animais que se preocupam com o sofrimento e a dor dos animais. Eu estava conversando com um biólogo, Jeff Schloss, sobre isso meses atrás, e ele disse que, na maior parte, os animais levam vidas muito agradáveis que terminam rapidamente devido à predação e realmente não experimentam muito sofrimento porque nem sequer estão cientes de que estão sentindo dor.

Aluno: Acho que isso reduziria a quantidade de sofrimento, e há alguns argumentos de que talvez primatas mais avançados, como o exemplo de Coco, que demonstrou luto por um gatinho no YouTube.

Dr. Craig: Certo, quando chegamos aos primatas superiores.

Aluno: Parece haver quase – a melhor maneira que posso descrever – um mal por design. Você olha para vírus e a complexidade e elegância dos vírus e a...

Dr. Craig: Por que você chamaria isso de mal? Esse foi o ponto da minha primeira resposta. Se eles são realmente como pequenas máquinas, certo? Vírus e coisas assim, não há nada de mal nisso, assim como uma máquina enferrujando na chuva.

Aluno: Exceto pelo fato de que eles causam dificuldades significativas para as pessoas.

Dr. Craig: Certo. Agora você está falando sobre sofrimento humano. E isso nos leva ao meu primeiro ponto que acabei de mencionar – não estamos em posição de dizer que o sofrimento no mundo não é justamente permitido por Deus. Deus nos colocou em uma arena onde existem

vírus e bactérias, e as pessoas morrem de leucemia e outros tipos de doenças. Quando isso acontece, não estamos em posição de dizer com qualquer tipo de confiança que Deus não tem uma boa razão para permitir que isso aconteça. Portanto, eu incluiria isso nesse primeiro ponto geral, embora se pudesse dizer muito mais sobre o assunto, como acabei de fazer.

Aluno: Certo, obrigado.

Dr. Craig: Certo, Bruce?

Aluno: Em relação a essa questão que foi levantada agora, acho que muitas vezes subestimamos o efeito da queda sobre a criação e sobre os seres vivos e o planeta. As mudanças nos seres vivos não são aleatórias. O ambiente desbloqueia um pacote genético, então pode haver, por causa da queda, diferentes pacotes que se manifestam de diferentes formas nos seres vivos, os quais não foram originalmente destinados a operar dessa maneira antes da queda.

Dr. Craig: Sim. Minha dificuldade com essa resposta – que é uma opção, e Michael Murray, em seu livro, tem um capítulo dedicado a essa resposta – é que ela parece pressupor o Criacionismo da Terra Jovem. Isso dificilmente parece uma resposta convincente para o problema do mal natural, porque essa visão assume que não havia sofrimento e dor no mundo antes da queda de Adão – não havia sofrimento animal. Na verdade, o mundo teria sido criado há apenas alguns milhares de anos em seis dias literais de 24 horas. Isso dificilmente parece ser uma resposta muito persuasiva para esse problema. Ainda assim, talvez você pudesse aproveitar o que deseja dizer. William Dembski, que não é um Criacionista da Terra Jovem, sugeriu que talvez o jardim do Éden (onde o primeiro casal humano foi criado) fosse uma espécie de oásis – um tipo de abrigo imaculado – dentro de um mundo maior cheio de predação animal, sofrimento, terremotos e coisas do tipo.

Mas Deus criou esse mundo – colocou-os nele – sabendo que eles iriam cair. E é dentro de um mundo caído como esse que o drama humano da salvação é melhor desenvolvido, o que se encaixa perfeitamente no que estou dizendo. Essa é uma solução muito interessante que pressupõe o conceito de conhecimento médio, ou seja, Deus, ao criar a humanidade, sabia que ela cairia e, portanto, a colocou em um mundo que já trazia a queda – uma espécie de criação caída – sabendo que, em um mundo assim, de dor e sofrimento, o plano de salvação da humanidade seria melhor desenvolvido. Portanto, acho que é possível aproveitar esse tipo de insight sem se comprometer com o Criacionismo da Terra Jovem.

Aluno: Eu tendo a acreditar na Terra Jovem, mas não vejo onde isso está necessariamente vinculado a ela – à linha do tempo.

Dr. Craig: OK. Ótimo. Acho que é isso que Dembski tenta fazer – aproveitar o insight, mas sem a linha do tempo.

Aluno: Eu gosto muito desse ponto. Acho que isso também se relaciona com a série de filmes *De Volta para o Futuro*. Levando a questão por outro caminho, não sou o único nesta turma que...

Dr. Craig: Antes de você continuar, poderia explicar para todos a que você está se referindo no filme *De Volta para o Futuro*?

Aluno: Claro. Vamos voltar a 1980. Já se passou tanto tempo desde que o filme foi feito quanto o tempo que separava o filme dos anos 1950. Mas a ideia era que eles construíram uma máquina do tempo a partir de um DeLorean. Eles voltaram no tempo. Lembre-se de que a quantidade de energia necessária era de 1,21 gigawatts para poder viajar no tempo. Passou por uma série – eu chamaria de ficção científica, mas também de comédia. Muitas coisas engraçadas aconteceram ao longo do caminho. As pessoas fizeram escolhas. Quando viajaram no tempo, diferentes situações se reaperentaram. Quando voltaram, as coisas estavam um pouco diferentes do que quando partiram, com base no que fizeram no passado.

Dr. Craig: Essas coisas eram muito triviais na época, certo? Como socar Biff no nariz quando ele se aproxima do carro, ou conseguir conectar o fio.

Aluno: Sim. Então, sabe, sempre fui fã do Michael J. Fox, então, sabe, eu adoro os filmes.

Dr. Craig: Sim, esses cenários de viagem no tempo realmente ilustram bem esse ponto, eu acho. OK, prossiga.

Aluno: Eu ia dizer que não sou o único nesta turma que passou por períodos de sofrimento, assim como talvez outras pessoas tenham passado por outras situações. Assumindo a posição oposta, o que deveríamos dizer de modo geral? Você acha que, em geral, alguns cristãos têm muita certeza de que podem explicar seu sofrimento? Eles têm muita certeza de que poderiam, por exemplo, explicar os detalhes da tragédia de Orlando. Que tipo de cautela você acha que deveríamos ter ao abordar esse outro lado?

Dr. Craig: O que gosto nesse ponto é que ele não oferece nenhuma explicação para o motivo pelo qual essas coisas ocorrem. Na verdade, o que ele diz é que você não está em posição de saber por que elas ocorrem. Alguém que presume dizer: “É por isso que o tiroteio de Orlando aconteceu” está sendo extremamente presunçoso. Meu ponto é que não estamos em posição de fazer esse tipo de julgamento. Essa é a sabedoria do livro de Jó. Deus nunca diz a Jó por que ele está sofrendo. Ele apenas diz a Jó: “Quem é você para responder a mim – o Deus Todo-Poderoso e Providente?” “Eu estou conduzindo as coisas.” Seu dever não é descobrir por que isso está acontecendo, mas confiar em mim enquanto passa por isso. Eu não costumava gostar do livro de Jó quando era um cristão jovem, porque ele nunca recebe respostas. Mas acho que passei a ver sua sabedoria, pois, ao passarmos por essas situações, não devemos tentar descobrir por que elas acontecem.

Não estamos em posição de saber isso. Em vez disso, devemos orar por força e resistência para passar por essas situações e para que nossa fé não falhe ao enfrentá-las.

Jó, arrependimento e a parábola do fermento

Aluno: Sobre esse ponto, eu queria destacar algo em Lucas 13, que é o único lugar nos Evangelhos onde isso aparece. É quando Jesus é questionado sobre o problema do mal. “Naquela mesma ocasião, estavam ali algumas pessoas que falaram para Jesus a respeito dos galileus cujo sangue Pilatos havia misturado com os sacrifícios que os mesmos realizavam. Então Jesus lhes disse: Vocês pensam que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus, por terem padecido estas coisas? Digo a vocês que não eram; se, porém, não se arrependerem, todos vocês também perecerão. E, quanto àqueles dezoito sobre os quais desabou a torre de Siloé e os matou, vocês pensam que eles eram mais culpados do que todos os outros moradores de Jerusalém? Digo a vocês que não eram; mas, se não se arrependerem, todos vocês também perecerão.” (Lucas 13:1-5). Isso não parece quase insensível e até mesmo rude? Ele não dá uma resposta. Aqui temos ambos os males. Temos o mal moral e temos o mal natural.

Dr. Craig: Isso mesmo! OK, você vê o ponto dele? Você tem o mal moral – Pilatos matou esses judeus com a espada, certo? mas então você também tem esse acidente onde a torre de Siloé caiu sobre essas pessoas e as matou. Aqui, Jesus está sendo questionado sobre o mal moral e o mal natural. OK, vá em frente.

Aluno: Esse é o ponto todo. Um ponto é – antes de tudo, se você quiser ler este capítulo em contexto, ele também está falando sobre a necessidade de arrependimento também. Ele diz, Não, as pessoas que foram mortas por Pilatos não eram pecadores maiores do que qualquer outra pessoa. E então ele diz a mesma coisa também sobre aqueles sobre quem a torre caiu. A questão principal é que todos somos súditos de Deus e ele pode fazer o que quiser. Não é que ele esteja necessariamente perseguindo alguém. É apenas...

Dr. Craig: Certo. Eu adoro essa resposta de Jesus. Aqui é onde ele realmente é confrontado com a questão filosófica sobre o mal. O que ele está refutando ali? Ele está refutando a visão de que as pessoas sofrem porque mereciam – que cometeram algum pecado; que de alguma forma estão fora da vontade de Deus – e é por isso que essas coisas ruins estão acontecendo com elas. Essa é uma correção que precisa ser feita repetidamente porque os cristãos muitas vezes pensam que, quando alguém está sofrendo por alguma razão sem sentido, eles pensam: "Bem, deve haver algum pecado secreto na vida dele" ou "ele está sob o julgamento de Deus". Jesus repudia isso. Ele diz que eles não são piores do que vocês, e vocês também precisam se arrepender para não serem julgados por Deus. Isso é uma admoestação muito boa, eu acho, para não sermos julgadores quando ocorre um sofrimento inocente.

Aluno: Eu também gosto de trazer uma passagem de Mateus 13:33, que diz: “O Reino dos Céus é semelhante ao fermento que uma mulher pegou e misturou em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado.” É quase como se Deus tivesse criado o mundo e o colocado em movimento para chegar ao Reino dos céus. Mas muitas vezes somos o “fermento disfuncional” - não conseguimos perceber esse propósito maravilhoso então nós o frustramos com nossa própria vontade ou nossa própria agenda, ou simplesmente com indiferença em seguir esse propósito. É quase como se, se o fermento não funcionar, a massa não cresce, o Reino dos céus não chega. E então, é mais como todos os avanços na ciência serem inspiração de Deus e Deus queria nos dar esse tipo de comunicação contanto que estejamos conectados com Ele. Devido à falta de interesse em se conectar com Deus e querer realizar seu propósito e tudo isso, isso faz

com que essa massa não cresça para o Reino dos céus. Então, é mais como um pecado de omissão.

Dr. Craig: Acho que você está levantando alguns bons pontos. Para relacionar isso com o que acabei de dizer, o fermento aqui é descrito como algo muito insignificante e pequeno. Ela apenas introduz um pouco de fermento, mas, com o tempo, fermenta toda a massa. Então, o Reino de Deus vai se desenvolver ao longo da história humana. Na próxima vez, veremos como, de fato, isso realmente aconteceu e enfatiza ou reforça o ponto de que, em nossa perspectiva e tempo de vida limitados, algo pode parecer trivial ou sem importância, mas, a longo prazo, pode se revelar enormemente significativo. Isso reforça o ponto aqui de que não estamos cognitivamente situados de forma a fazer os tipos de julgamentos de probabilidade que o ateu quer fazer.

Probabilidade e o conjunto das evidências

Alguma outra discussão sobre esse primeiro ponto? Então, vamos para o ponto dois. E isso é relativo ao escopo completo da evidência. A existência de Deus é provável em relação ao escopo completo da evidência. A existência de Deus é provável. E a chave para entender o segundo ponto é que as probabilidades são sempre relativas a alguma informação de base. As probabilidades não são absolutas. Ela é sempre provável em relação a alguma informação de base. Então, por exemplo, suponha que nos seja dada a informação de que Joe é um estudante universitário e que 90% dos estudantes universitários bebem cerveja. Relativo a essa informação, isso torna altamente provável que Joe seja um consumidor de cerveja. Mas suponha agora que nos seja dada a informação adicional de que Joe é um estudante do Wheaton College e que 90% dos estudantes do Wheaton College não bebem cerveja.

Relativo a esse novo conjunto de informações, agora se torna altamente improvável que Joe seja um consumidor de cerveja. Então, as probabilidades – para repetir – são relativas à informação de base. Portanto, quando o ateu diz que a existência de Deus é improvável, sua antena deve imediatamente se levantar, e você deve dizer: "Improvável em relação a quê?" Qual é a informação de base? É o sofrimento no mundo? Bem, se isso for tudo o que você considera como sua informação de base, não é de se admirar que a existência de Deus pareça improvável em relação apenas a isso, embora, como argumentei no ponto 1, as aparências podem enganar. Mas a probabilidade da existência de Deus em relação apenas ao sofrimento no mundo, tomado isoladamente, não é realmente uma questão interessante, é? A questão realmente interessante é: quão provável é a existência de Deus em relação ao escopo completo da evidência.

E estou convencido de que, quando se considera o escopo completo da evidência, então a existência de Deus é bastante provável, mesmo levando em conta qualquer improbabilidade que o mal possa parecer lançar sobre a existência de Deus. Ou seja, qualquer improbabilidade da existência de Deus relativa apenas ao mal é simplesmente superada pela evidência da existência de Deus – evidência que discutimos nesta aula. Considere, em particular, o argumento moral para a existência de Deus. Muito do sofrimento no mundo é resultado das escolhas humanas – escolhas morais. Grande parte do mal no mundo é mal moral. Mas então você pode apresentar um argumento moral assim: 1. Se Deus não existe, então valores morais objetivos não existem. 2. O mal existe. 3. Portanto, valores morais objetivos existem, ou seja, algumas coisas são más. 4. Portanto, Deus existe.

Paradoxalmente, em um nível superficial, embora o mal pareça questionar a existência de Deus, em um nível mais profundo e fundamental, o mal na verdade prova a existência de Deus, porque, sem Deus, o sofrimento no mundo não seria realmente ruim. Então, se o ateu acha que o sofrimento é ruim ou que o sofrimento não deveria existir, então ele está fazendo julgamentos morais que só são possíveis se Deus existir. Então, novamente, esse argumento seria assim: 1. Se Deus não existe, valores morais objetivos não existem. 2. O mal existe. Essa é a afirmação do ateu. 3. Portanto, valores morais objetivos existem. 4. Portanto, Deus existe. Então, o que você precisa entender em relação à versão evidencial do problema do mal é que a maioria das pessoas que escrevem sobre essa versão do problema do mal simplesmente assume tacitamente que não há evidência do outro lado da balança.

Para eles, a única questão é se a existência de Deus é improvável em relação ao mal e ao sofrimento no mundo, porque eles simplesmente assumem que não há nada do outro lado da balança para compensar isso. Mas eu acho que há argumentos muito sólidos do outro lado da balança a favor da existência de Deus, incluindo o próprio argumento do mal. E assim, eu poderia realmente conceder que a existência de Deus é improvável em relação ao mal no mundo tomado isoladamente, mas sustentar que isso é simplesmente superado pelos argumentos a favor da existência de Deus.

Discussão sobre a Aposta de Pascal

Alguma resposta ou pergunta sobre esse segundo ponto? Sim, George.

Aluno: Bill, seu amigo, Richard Dawkins, diz que não sabe se Deus está ausente, mas acha muito improvável que Deus exista. Ele baseia sua vida nessa conclusão. Aqui está minha pergunta. Mesmo que alguém pensasse que o argumento probabilístico chegasse à conclusão que seus defensores propõem, digamos que as chances sejam menores que 40% de que Deus exista, mesmo levando em conta toda a informação de base, ainda assim alguém estaria justificado em acreditar em um Deus onisciente, onipotente e totalmente bom com base na Aposta de Pascal?

Dr. Craig: OK. Essa é uma grande questão para abrir no último minuto! [risos]

Aluno: você pode deixar para outro dia.

Dr. Craig: Sim, o que George está perguntando é sobre meio que apostar na existência de Deus. Dado que as recompensas de acreditar em Deus se Deus existir são tão grandes, e as desvantagens de acreditar em Deus se Ele não existir são tão mínimas, a ideia é que você deveria simplesmente acreditar na existência de Deus de qualquer forma, porque há muito em jogo. Acho que se pudermos reduzir as alternativas apenas a, digamos, cristianismo versus ateísmo, acho que o argumento de Pascal realmente fornece uma justificativa para acreditar em Deus. Mas geralmente se considera que as alternativas são igualmente prováveis. Se isso ainda justificaria apostar em Deus se as probabilidades fossem contra Ele, não tenho certeza do que dizer nesse caso, porque não acho que sejam contra Deus. Acho que são pelo menos equilibradas. Nesse caso, acho que o argumento de Pascal é bom.

Próxima etapa e bênção final

Muito bem, o que faremos na próxima vez é olhar para o terceiro ponto, onde vou argumentar que a existência do Deus cristão em particular não é realmente tão improvável, considerando o mal e o sofrimento no mundo. Ou seja, se o Deus cristão existe, não é realmente surpreendente que haja muito mal moral e natural no mundo. Portanto, esse mal não torna realmente a existência do Deus cristão tão improvável. Bem, vamos encerrar com uma bênção, certo? E agora, que o Deus da providência e soberania, que ordena o mundo desde o princípio para seus propósitos e seus fins, lhes conceda fé e confiança para suportar quaisquer males aparentemente sem sentido e desnecessários que possam afligir sua vida. Que vocês sejam fortalecidos pelo Espírito Santo para suportar o sofrimento com fé e coragem até o dia em que o veremos face a face. Amém.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2016 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-excursus-on-natural-theology/excursus-on-natural-theology-part-32/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-32/>